

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26\$000 e 13\$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

FRANCISCO VALLE	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE.	A.
ANTES DE PARTIR PARA PARIS.	Adelino Fontoura.
IMMIGRADA.	A. Foscolo.
O PASSADO.	Raul Braga.
BAISER VENGEUR.	Magalhães de Azeredo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS.	X, Y, Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. CASSIANO DO NASCIMENTO

FRANCISCO VALLE

Um dos nossos primeiros criticos musicaes já lhe chamou, na *Gazeta de Noticias*, « o maior genio musical que por emquanto tem produzido o Brasil ». Não sei se essa opinião é verdadeira, mas sei que é a opinião de muita gente.

Francisco Valle tem vinte e cinco annos : nasceu em 20 de Março de 1869, no Porto das Flores, em Minas-Geraes. E' filho legitimo do Sr. Manoel Marcellino do Valle e de D. Emilia Magalhães do Valle.

Falle agora por nós a *Gazetilha do Jornal do Commercio* de 26 de Setembro de 1892 :

« Com decidida vocação para a musica desde a sua mais tenra idade, foi discipulo de piano n'esta capital, de Alfredo Bevilacqua; estudou harmonia com Miguel Cardoso, e as suas primeiras tentativas como compositor foram felizes; n'ellas exhibia o nosso joven patricio duas boas qualidades para um compositor: sciencia e originalidade.

Seu pae, dotado de bom temperamento artistico, não poupou sacrificios para a sua educação musical, e mandou-o para a Europa, onde estudou, em Pariz, sob as lições de um bom mestre da Arte : o maestro Cesar Frank.

Francisco Valle escreveu na capital franceza varios trechos, entre os quaes um bello sextetto para instrumentos de arco, e alguns preludios para piano e outros trechos entre os quaes uma *fuga*, que hontem mereceu calorosos applausos. Chamado ao Brasil, no anno passado, por necessidades de familia, organisou, não sem difficuldade, um concerto no theatro S. Pedro de Alcantara, em que exhibio varias composições suas, pelas quaes avaliaram logo os mestres de musica d'esta capital os grandes progressos que o nosso patricio tinha feito e seu merecimento como compositor.

As suas peças mais apreciadas então foram : uma *rêverie*, o *Telemaco*, uma *pastoral* e um *scherzo*, em fórma de valsa. Em todos esses trechos manifestou o joven artista fórmas novas e originaes, bons conhecimentos technicos, a par de um defeito facil de evitar, qual o do abuso do desenvolvimento de uma phrase ou motivo principal do trecho executado. Depois d'esse concerto para cá, o joven maestro não tem perdido o seu tempo; compoz muitos trabalhos novos, entre os quaes, um *octetto* para dous violinos, alto, violoncello, contrabaixo, flauta, clarineta e fagote, que muito agradou, e foi bem executado no concerto de hontem por musicos da excellente orchestra do maestro Mancinelli.

Tanto no *octetto*, escripto no rhythm de *menuetto*, como em outros trechos, o nosso patricio denuncia progressos sensiveis na arte difficil de escrever boa musica, resultantes de talento e imaginação espontanea, alliada a acurado trabalho. Pela audição de seus novos trechos parece-nos que o maestro Valle, ainda que com sacrificios, deve trabalhar algum tempo na Allemanha; ao lado de compositores modernos, muito lucraria de certo na sua viagem artistica. »

Sobre o concerto alludido escreveu Alfredo Camarati, cuja competencia ninguem pôde pôr em duvida :

« O *Preludio* tem umas expansões wagnerianas, que encantam; a *Fuga*, rigorosa na absoluta expressão da palavra até certo ponto, emaranha-se depois, n'umas combinações novas, por assim dizer exóticas, e que promettem ao Brasil um compositor

da mais absoluta individualidade. E n'esta escapada aos rigores da *Fuga*, vemos com prazer que, se Francisco Valle tem a *desgraça* de saber contra-ponto, como deve saber um discipulo predilecto de Cesar Franck, tem a facilidade de saber atirar com as cilhas da sabedoria para os quintos do inferno, quando realmente se sente accommettido pela inspiração, visitado pela commoção artistica, que, infelizmente, é mais esquivada para a humanidade, do que os flatos e ataques de nervos!

Um *octetto*, escripto ultimamente na roça e que é o encanto de Mancinelli, revela Francisco Valle como compositor mais livre, se bem que ainda alli se sintam proveitosos moldes de Haydn e de Mozart, mas, na peça em que o nosso compositor se mostra de talento assustador, é na *Sonata em dó menor*, para piano, uma peça com grandes e scintilantes rajadas modernas, e na qual apparece uma melodia de grandeza fulminadora, de um vigor dramatico espantoso, e que nos faria prever um mestre de opera, se nós, esteiados na auctorizada opinião e pratica de Mancinelli, não considerassemos Francisco Valle um symphonista, que symphonista já veio da roça e symphonista ha de acabar, em Carlsruhe, Munich, Leipzig ou Berlim, se os governos e os brasileiros comprehenderem o seu dever, ou, desprotegido, em S. José do Rio Preto, apodrecendo o talento e o saber, entre tulas de café ou entre sócas e resócas de canna de assucar!

A isso temos a accrescentar que Francisco Valle, comquanto não recebesse a protecção do governo, lá foi aperfeiçoar os seus estudos na Europa, e não tem feito outra coisa senão progredir e crescer.

E' um talento que honra o Brasil, um nome que virá á tona, honrado e glorioso, quando a politica deixar de ser a preocupação exclusiva dos brasileiros.

A galeria artistica do *Album* não estaria completa sem o retrato de Francisco Valle.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Já não é indignação nem rancor que os revoltosos inspiram; é piedade.

Como aquillo acabou, santo Deus! Custodio, o hepatico, o sem-sangue, dizendo n'um manifesto que fugio... porque não foi atacado, e accusando Salgado do insuccesso do Rio Grande! Salgado atirando as culpas sobre Custodio! Saldanha da Gama carpindo o seu caiporismo n'um manifesto pulha, escripto contra os portuguezes que lhe salvaram a vida! Gumercindo Sarabia declarando-se oriental! Ruy Barbosa pregando carapetões em Lisboa! Piragibe, o Falstaff do Federalismo, tentando ridiculamente recommençar a luta com um troço de bandidos e vagabundos estrangeiros! Menezes Doria, o

Dom Juan bisborria, *azulando* do Paraná com o famoso « cofre dos emprestimos », como no dia em que, sendo sorprendido com sua amante pelo marido d'ella, fugio, deixando que a infeliz senhora fosse barbaramente morta a facadas!...

Ahi está em que deu tanta arrogancia estúpida!...

Desgraçados! — sabiam matar, mas não souberam morrer!

*

Felizmente a população fluminense, quasi esquecida dos calamitosos tempos em que as balas a todos os instantes sibilavam sobre as suas cabeças, vae a pouco e pouco se reanimando, e voltando ás preocupações e aos prazeres de outr'ora. Não temos agora outra *Revolução* a não ser a do Polytheama, em que Furtado Coelho nos apresenta o typo de um almirante incapaz de fugir.

Esse e outros theatros enchem-se todas as noites. O publico vae ao Apollo, ao Recreio, ao Sant'Anna e ao S. Pedro de Alcantara.

Este ultimo theatro, respeitavel por tantas e tão gloriosas tradições artisticas, foi agora transformado em circo, onde todas as noites se exhibe uma companhia equestre de terceira ordem.

O Variedades enfeita-se para esperar os seus artistas, que mourejam em Minas, e o Lucinda prepara-se para receber uma companhia lyrica modesta e baratinha, com a qual os nossos dilettantes se irão contentando, emquanto não vêm para o Lyrico os cantores de *primo cartelo* contractados pelo Mancinelli, que teve a coragem heroica de se fazer empresario de opera no Rio de Janeiro.

*

As comedias de Fernando Caldeira foram tão representadas no Rio de Janeiro, que dislate não será referir-se a *Chronica fluminense* ao fallecimento do poeta, occorrido em Lisboa.

Entretanto, Fernando Caldeira era menos conhecido por toda a sua bagagem de theatro que pelo seu madrigal intitulado *Uns pésinhos*, do qual Camillo Castello Branco dizia:

« A' cerca de pés, poesia tão imbrineada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindius, ninguem a urdio como este poeta. Fazer de um composto do tarso, metartaso, phalanges, musculos, nervos e cartilagens um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e esthetica, mais perrexil e atavios que os dous pés reaes da dona do pé cantado.»

Quem não conhece esses versos?

Olha, a dizer-te a verdade,
Eu acho que é crueldade
Deixal-os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos:
Levo-te a ti n'um dos braços
E elles ambos n'outra mão!

Pobre Fernando Caldeira!

A.

ANTES DE PARTIR PARA PARIS

Venho ensopar de lagrimas o lenço
No tristissimo adeus da despedida;
Em breve a Patria vou deixar, perdida
Além... na curva do horizonte immenso.

Em breve sobre o mar, profundo e extenso,
Adejará minh'alma dolorida,
Como a gaivota errante e foragida
Sem ter um ninho onde pousar, suspenso.

Então, senhora, hei de pensar tristonho,
Revedo a vossa angelica bondade,
N'este ninho de amor, calmo e risonho.

E triste, sobre a triste immensidade,
Como quem despertou de um ledo sonho,
Hei de chorar o pranto da Saudade!

ADELINO FONTOURA.

Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1883.

IMMIGRADA

Assentada a sós sobre o caes, ella via o oceano
bater, recuar, tornar a bater com a tenacidade de
fera escalando a jaula, e seguia, até desaparecerem
de vista, as ondas que se succediam... ondas
d'aquelle mar donde vira, do tombadilho do navio,
sumir-se a patria... a Italia, a terra das canções
melodicas, das primaveras eternas, onde as brisas
murmuram na frança dos alamos frondosos, dos
videiraes em fructo, dos caramanchões em flor, as
saudades tristonhas de uma coisa que amamos
muito, mas que já lá vae tão longe!

*

Nascêra nos arrabaldes de Napoles, ao pé da
collina que borda a base do Vesuvio. Viviam parca-
mente, o pae e ella, de um pequeno videiral: dava-
lhes saboroso vinho e a sufficiente renda para se
sustentarem no labor continuo.

Veio um dia a lava homicida, que nada respeita, e
arrasou-lhes as parras cobertas de roxose e dourados
cachos com a pequena vivenda onde habitavam.

Na impotencia de lutar pela vida alli onde
escasseia o solo, onde superabundam braços, resol-
veram immigrar em busca do trabalho e das com-
modidades que lhes roubára o fero Vesuvio.

*

No Brasil, terra do ouro e das riquezas, paiz das
fadas onde tudo brota espontaneamente, encon-

traram a fome e a miseria, a epidemia e a morte,
ceifando em pouco tempo a vida do pobre velho.

Completamente só na grande cidade, hospedada
com seus compatriotas no largo do Paço, dormindo
sobre as pedras frias das calçadas, exposta ás in-
temperies, n'uma promiscuidade de costumes
desconhecidos até então, a virgem erguera-se do
seio d'aquelle multidão de homens de todas as
nações, trazendo no ventre o fructo do seu viver
commum.

Era bella, poderia enriquecer-se talvez, arruinar
muitos homens, queimar, em seus braços de fogo,
muita dignidade balofa; mas a queda precipitára-a
tão baixo, que o principio da carreira mundana,
d'ella, era o epilogo das desgraçadas de sua especie.

Amantes... tiuha-os aos ceutos: eram os solda-
dos, os carroceiros, os carregadores, os miseraveis
dormindo, como ella, sob os alpendres das casas.

Era vagabunda e fez-se bebada.

Fôra de natural doce e meigo e tornara-se bu-
lheuta e insultadora para dormir na estação de
policia e ter o pão do dia seguinte. Pedia, descar-
adamente, esmolas, esperando que a levassem para
algum asylo e, afinal, cansada de explorar a cari-
dade publica, estirava-se á noite, placidamente,
sobre as calçadas — antigo e constante leito de
suas agonias de immigrada.

O filho, fructo da desgraça, nascêra um monstro
deformado pelo máo trato e a vida debochada da
mãe.

Era um animal repellente, e horrorisante, jul-
gado, pela imaginação fanatisada, um castigo do
crime... Crime de haver cedido, por ignorancia,
innocentemente, aos caprichos de um vagabundo
que explorou a ingenuidade da virgem! Crime de
ter succumbido naquelle meio pestifere de toda
sorte de putrefacção moral e physica, ao jugo fer-
renho da sorte que a atirára tão longe da patria!

A miseria com o seu certejo de males: — a
embriaguez, a fome, o desalento, trouxe-lhe em
pouco a enfermidade syphilitica e a tuberculose que
a fizeram cahir nas mãos da caridade publica, n'um
hospital.

*

Completamente entregue ao soffrimento, vendo
o pequeno monstro, coberto de chagas, a expirar,
sem ter mais o esquecimento proporcionado pela
vida ardega, debochada, viciosa das ruas, d'aquelles
bairros immundos onde se estirava depois de com-
pletamente estafada pela crapula; sem o alcool, que
lhe estragou o organismo, mas dava-lhe, em com-
pensation o embotamento dos sentidos, a hyposthe-
nisação do seu viver desregrado; sem nenhuma
daquellas luctas, daquelles vicios extenuantes tor-
nando-a inconsciente do padecer, o seu martyrio era
mais profundo, mais forte, mais terrivel do que
d'antes.

Das scenas hypnotisantes da dor nostalgica só
lhe restava o oceano, o velho gigante que, lá em

baixo, ella via, da janella da enfermaria, escalando a praia sempre e sempre com a tenacidade de um louco !

Lgrimas... Se lagrimas tivessem a propriedade de minorar o soffrimento, cicatrizar as chagas, ha muito estaria curada, porque os seus olhos eram um manancial continuo donde o pranto jorrava sem cessar.

As boas irmans julgavam o arrependimento ter tocado a alma da peccadora; mas em verdade a angustiavam saudades da infancia, do pae, da patria, de todos os castellos perdidos, dissipados no meio de sua vida como um sonho agradavel de que nos queremos recordar, mas que nos foge da mente.

Arrependimento ? Não, não se arrependia por que nunca fizera mal a ninguem e, se crimes havia em sua existencia, ella representava sempre a victima.

Pouco e pouco veio-lhe a apathia... uma especie de paralytia dos sentidos : não se queixava, não gemia, não se incomodava com as agitações de redor. Sentia-se desorganisar, apodrecer, decompor-se, e resignava-se áquella idcia de aniquilamento, representando o descanso, a paz eterna de sua entidade psychologica. O passado pouco lhe importava agora — nenhum clo tinha que a prendesse. O filho, monstro condemnado desde o berço, conhecia-se ainda viver pela respiração offegante.

Foi definhando gradativamente; vio expirar nos seus braços a criança, sentia-se já prestes a tocar os aditos do nirvana, e a imagem da morte apparecia-lhe linda, como o sonhado noivo de suas esperanças de donzella.

Tocou afinal a meta extrema — morreu sem agonia, como um passaro ferido no coração, fitando, pelas janellas de sua fantasia, o oceano... aquelle mar donde vira, do tombadilho do navio, sumir-se a patria... a Italia, a terra das canções melodicadas, das primaveras eternas, onde as brisas murmuram nas franças dos alamos frondosos, das videiras em fructo, dos caramanchões em flor, as saudades tristonhas de uma coisa que amamos muito, mas que já la vae tão longe !

A. FOSCOLO.

CONCURSO DE SONETOS

A *Gazeta Postal*, interessante folha litteraria que se publica na capital do Pará, abriu um certamen de sonetos a que concorreram tres poetas, e teve a delicadeza de convidar a redacção do *Album* para ser a julgadora d'esse concurso, e escolher os tres melhores sonetos, classificando-os em ordem de merecimento.

O redactor do *Album* desobrigou-se d'essa honrosa incumbencia remettendo á *Gazeta Postal* o seguinte laudo :

Do Pará recebi tres sonetos
Para os tres escolher da melhor nota...
Cincoenta e dous quartettos e tercettos !
Como hei de descalçar tamanha bota ?

Eu todos li com attenção devota
E em todos encontrei alguns gravetos;
Mas juro, ó Muza, por tens olhos pretos,
Que o melhor d'elles é o da *Deusa ignota*.

Segue-se, em ordem de merecimento,
A *carta*, mas o autor (que M. A. se chama)
Poz nos tercettos quatro vezes *ento* !

De longe, emfim, o outro logar reclama.
Meu juizo ahi está; os dez que descontento
Tenham paciencia: vão chorar na cama.

Em seguida publicamos o soneto classificado em primeiro logar :

DEUSA IGNOTA

Surges cantando: para mim, constricta
Abres os braços de crystal rosado;
Cobrem-te o corpo alvuras de Noivado,
Rosa serena que no espaço habita !

Pela escada de marmore infinita
Que eu vejo no meu sonho illuminado,
Vens descendo do páramo estrelado
Pelas Graças e Sylphides bemdita !

Cerca-te a fronte virgem, coroando,
A luz dos olhos fulgidos das Santas,
E toda a côrte de anjos esvoaçando...

Beijas-me; e a lyra nos teus pés deponho,
Flor do Ideial que no meu seio cantas,
Sonho envolto nas nuvens de outro Sonho!

DEMOSTHENES DE OLINDA.

O PASSADO

... — « Banal isso, talvez... Não importa !... Quero, tambem, notar essa sensação da minha vida... »

E, chegando-se mais ao canto do sofá, como fugindo á luz branda da lampada sobre um consolo distante, Cesario Gonçalves calou-se, n'uma concentração de quem reconstróe impressões desaparecidas ha muito...

Fazia frio... os tapetes felpudos da saleta, as grossas cortinas de lan cobrindo as janellas e a porta, não conseguiram aquecer sufficientemente a temperatura do aposento... Embrulhados em grandes mantas, um gorro á cabeça, quedavamo-nos, mudos e tristes, de longe em longe apenas abrindo esse pesado silencio indolente com uma ou outra



Phototypia J. Gutierrez.

FRANCISCO VALLE

vaga palavra sem importancia, mais bocejada do que fallada...

Durante o dia, jogáramos, discorrêramos sobre a vida alheia; varios de nós, os mais felizes, os que tinham a existencia menos vasia, haviam desvendado segredos... amores, seenas intimas que a sua honra lhes mandava, entretanto, conservar no mais completo mysterio... Passáramos em revista os divertimentos, os prazeres, que nos podiamos conceder por aquelles dias proximos...

Uma companhia lyrica italiana, em cujo repertorio liam-se apenas velhas operas romanticas que já nos achavamos cançados e enervados de ouvir; algumas *soirées* de *parvenus*, que, em plena Republica, sonhavam ainda, vagamente, com brazões de nobreza, affectavam ainda velhos habitos de luxo e elegancia fidalga... As distracções de sempre, aalegria de costume, o que se estabeleceu dever chamar-se um divertimento... Nada de novo! a monotonia do prazer-programma...

E, no abandono com que nos entregavamos ás doçuras do almofadado das poltronas em que nos sentáramos, transparecia um vago desejo de apodrecer alli, nada mais fazer, desejar, — n'uma estagnação de pantano...

Cesario saceudira a somnolencia geral que nos entorpecia, com essas palavras, ditas como um sonho... abstractamente... como em um monologo de labios a dentro, só para si...

O tempo prestava-se a isso; o aborrecimento, o cansaço, que nos pesavam, na serie ininterrupta dos mesmos gozos que se nos apresentavam, outro prazer não permitiam que o da analyse minuciosa, cruel embora — tantas vezes, de todo o nosso mundo intimo, de toda a nossa vida psychica, — longe dos olhos estupidos da multidão...

Banal, pois, isso?... Não, de certo!... Não podemos... não devemos até — parar, de quando em vez, em meio d'essa vertigem que se chama *viver*, afim de tambem nos observarmos um pouco, indifferentes e calmos, como espectadores imparciaes a quem incumbe um estudo, um exame, dos motivos que nos fazem agir d'esse ou d'este outro modo, sentir esse ou este outro sentimento, pensar d'essa ou d'esta outra maneira; explicar, observar, emfim, o proprio exercicio das nossas faculdades, — como seres superiores que não vivemos inconscientemente apenas, á nossa natureza, e que, se não o conseguimos, ao menos tentamos nos comprehender?!...

Banal, pois, isso?... Não, de certo!..

Alguns se esquecem de que vivem, é exacto; vivem esquecidos de que se acham sujeitos a alguma coisa eternamente superior a nós, esquecidos de que nasceram e morrerão, um dia; alguns já-mais pensaram sequer um instante em voltar, por um momento ao menos, todos os seus sentidos para dentro de si mesmos, a escutar, a ver ou a sentir, n'uma palavra, esse trabalho continuo e lento de vida a que chamamos alma... Não é, porém, a

prova mais irrecusavel da nossa superioridade esse espirito de analyse que hoje nos ganha, essa febre por nos conhecermos tambem, por nos explicarmos, por nos comprehendermos?!... a convicção final embora da nossa subordinação ás leis eternas que presidem a todo o mundo, não são isso e a revolta que nos saccode por vezes contra essa mesma subordinação e a nossa pequenez ante a ambição que nos domina — aos mais nobres, as provas mais bellas da nossa superioridade sobre todos os outros seres?!...

Dirão, talvez: quem não encontra argumentos em favor do que mais ame, dos seus mais simples prazeres?... Não sei; eu assim penso: nada tanto me encanta como a confidencia d'essas impressões intimas que temos, a um facto, a um objecto, minimo ás vezes... nada tanto me encanta como ouvir a analyse de uma d'essas sensações muito finas que nos despertam, por vezes, coisas insignificantes, acontecimentos banaes de sempre, de todas as horas, — tão communs e banaes que já ninguem os nota, dir-se-á, — que ninguem... nós mesmos, até ali, já-mais lhes prestámos a mais leve attenção...

Cesario ia contar-nos uma, de certo. Por meu lado, reergui, pois, a cabeça, ouvidos soffregos, — fitos os olhos até então, distrahidamente, para as flores do tapete, — á espera do que os seus labios notar-nos-iam, quebrando o silencio, emfim...

— « Foi ha muitos annos já, proseguio... nem podia deixar de ser... — E sorriu-se. — Na minha primeira mocidade... A viver eu começava: não era de estranhar, portanto, a minha inexperiencia, por essa época, das menores sensações da vida...

Não mentiria quem me dissesse leviano e pouco reflectido... Coisas frivolas mesmo que todos os cerebros veem, já-mais haviam passado ainda pelo meu... Vivia como em um atordoamento, como que agindo apenas, arrebatado pelos impulsos da minha natureza, naturalmente na reacção consequente dos tempos de actividade contida pelo regimen do internato de que sahia...

Havia, de certo, uma falta do habito da acção, da iniciativa, mas era deliciosa, não obstante, essa liberdade que se exercia emfim, sem que nunca me houvessem ensinado, no emtanto, o que ella fosse!.. Era feliz. Ostheatros, os primeiros amores comprados, algumas orgias... Fatigado ou não, só voltava á casa alta noite. Já não era um collegial: a minha vida devia ser, de então em diante, completamente o contrario do que até ali fôra!...

Meu pae determinára que eu fizesse uma viagem á Europa, de descanso e recreio, antes de me matricular na Universidade de Bruxellas, em que me devia formar em engenharia. Desejava, comtudo, que, primeiro, eu fosse conhecendo, por meus olhos, os principaes pontos do nosso paiz.

Não parava, pois, em parte alguma. Porto-Alegre, S. Paulo, Bahia, Recife, S. Luiz, Belém,

Ouro-Preto, — n'essa peregrinação constante, assim me corria o tempo...

Talvez por mais livre do que elles viver, dos meus companheiros de estudos, raros encontrava, simplesmente nos cumprimentando, muitas vezes, — trocando uma ou outra palavra, quando muito.

Eu tivera amigos, todavia, entre elles. Exactamente esses, porém, não os víra ainda.

Amigos!... N'estes primeiros laços de amizade é que se póde, na verdade, reconhecer a necessidade íntima, egoística, portanto, — que todos sentimos de alguém mais semelhante a nós, mais condescendente em ouvir-nos, ou que melhor nos comprehenda, com quem desabafemos os nossos segredos, a quem confiemos os mysterios mais subtis desvendados ao nosso espirito e ao nosso coração, as descobertas que vamos fazendo, cada dia, em nós mesmos... N'essa quadra da vida, tudo isso é bem pouco ainda, bem confuso... que importa! os mais rebeldes não se esquivam a isso...

Na despreocupada e alegre existencia que eu levava, não tivera occasião, entretanto, de me recordar, saudoso, d'esses meus amigos. Eis, porém, que, um dia, ao passar, a pé, pelo jardim do Passeio, alguém me chama do portão, pelo meu nome.

Doce surpresa! Era, nada mais, nada menos, do que um dos meus antigos amigos, mesmo o mais amigo de entre elles, o meu primeiro amigo, como me exprimia nas minhas expansões de criança sentimental... Jayme Sequeira.

Após tantos mezes que nos não viamos, os nossos transportes não podiam ser outros... Abraçámo-nos, rimo-nos de já nos ver com o antigo buço quasi bigode; puzemo-nos a passeiar, de braço dado, indagando um do outro o que faziamos então, lançando-nos em seguida, insensivelmente, a rememorar esses alegres tempos da infancia, para matar saudades...

Felizes conversas! esquecemos todos os rancores, não temos orgulho, somos justos emfim: as coisas deram-se como se deram; pensámos outr'ora que tinhamos razão... criancice! nós não a tinhamos... E haverá, commummente, n'esse passado, offensa que se não possa perdoar?!... Felizes conversas! comprehendí-o, pela primeira vez.

Nunca, de facto, o meu pensamento se deixára ir a essa epoca, tão pouco remota, no emtanto... mesmo por isso, quem sabe! Agitando-me muito para que tivesse a calma de recordal-a, querendo esquecer esses tempos que me envergonhariam, talvez, agora que eu vivia, — não tendo occasião nem com quem rememoral-os, — por qualquer dos motivos, por todos mesmo, só então eu parecia lembrar-me de que, na verdade, houvesse um passado na minha vida.

— « E que é feito do Eduardo Mendes?... Não o vi mais... »

— « Nem eu... E o Cabral?... Morto, não?... »
E vieram os episodios mais alegres d'essa quadra

feliz. Fugas para a chacara de um visinho, o conhecido commendador Vallim de Castro... O Cabral fôra surpreendido, uma vez, pelo chacareiro e, por elle seguido, apresentado ao director que o entregára á familia, não podendo mais supportal-o... Um appetite famoso, um estomago invejavel, — o Cabral! Fructas verdes, pecegos ainda cobertos de pello, brancos, inteiramente brancos ainda, por dentro; laranjas do tamanho de um limão pequeno... tudo devorava. E os roubos! as metades de pão fígadas por pontas finas de flecha em que se enterrava um prego, uma penna; desaparecimentos até á dispensa proxima do refeitório, na lufa-lufa em que se sahia d'este para o recreio...

Os inspectores — incriveis! um, por exemplo, alto, longas suissas, dentes enormes, — prodigo de queixas por escripto, sofrego de occasião em que pudesse *fazer estylo*, empregando os ultimos termos ouvidos; outro, celebre por um tic nervoso dos musculos da fronte, e que nos levava a suppor, muitas vezes, que nos fazia signal, para que lhe fosse fallar á mesa.

O director, emfim, defeituoso de uma perna, defeito que excitava todas as imaginações no collegio, cada qual lhe attribuindo a explicação mais grotesca... Irascivel, á menor queixa accudia logo á sala de estudo. Gritava, reprehendia, ameaçava, mas volvia logo ás pressas, o que lhe tirava toda a força moral, dando-lhe o ar de fugir a alguma reacção porventura possivel...

Jayme fallava mais do que eu. Dirigia-me perguntas; respondia-lhes geralmente... A trechos apenas, em regra, eu o interrompia, tomado de subita recordação, lembrando-lhe outros factos, minudencias de que parecia esquecido.

Elle mostrava-se sempre, no emtanto, mais senhor de tudo; era, mesmo, quem me despertava a memoria para episodios a que dir-se-ia eu não ter dado a devida attenção, que dir-se-ia terem-me passado ante os olhos sem m'a provocarem... — Ai de mim! — a sensação que me davam esses pequeninos incidentes de uma vida que ainda não era uma vida, que seria quando muito, que poderia... deveria ser, quando muito, um preparo para a vida, — eu não sei se saberei explicar-lhes, tal como a senti...

Um espanto, ao principio... um espanto; eu notava emfim que dias tinham havido que já não existiam... eu notava, e uma admiração, um pasmo, me enchia: de como isso passára assim, tão depressa, de que tivessem havido coisas que já não existiam... Como?! eu fizera isso, e já não o fazia; eu fizera isso e isso já se me affigurava um facto estranho á minha actividade, tanto que era preciso lembrarem-m'o, para que n'esse facto pensasse, reflectisse, e me convencesse então de que o executára com effeito?!...

Um terror, em seguida... o terror instinctivo da velhice e da morte cada vez mais perto... o terror de uma mesma corrente impetuosa e invencivel le-

vando-me ao mesmo tempo para a velhice e a morte... o terror de alguma coisa indefinível e despotica, me arrebatando comsigo, — arrastando-me por scenarios diversos, por alegrias e dores, — n'uma vertigem, — de modo que eu não soubesse, um dia, se soffrêra ou gozára, se isso se dera comigo ou com outro eu, e me fizesse á vida uma allucinação, e me turbasse o espirito, me desse a sensação de que a propria vida não me era uma realidade, mas nada mais do que um sonho... mas nada mais do que um sonho, agradável agora, pungente em seguida.

O silencio se fez, de novo, entre nós. E, na abstracção em que nos encontrámos, como que parecia procurarmos, dentro de nós mesmos, essa sensação, dolorosa sensação, de certo, das primeiras rugas que se approximam, dos primeiros cabellos brancos, da morte, emfim, cada vez mais perto, soffrega e hiante, aos nossos pés...

RAUL BRAGA.

BAISER VENGEUR

De toi, qu'un autre — époux odieux! — va presser
Sur son cœur, t'énivrant d'un amour que je blâme
Je ne voudrais qu'un seul baiser, maudite femme,
Dût le ciel m'en punir, dût l'enfer m'écraser!

Dans ce plaisir de mort, cet horrible baiser,
Dont l'âpre désespoir serait l'unique flamme,
Je saurais mettre tous les transports de mon âme.
Et, flétrissant ma vie entière, l'épuiser!

Il serait, plutôt qu'un baiser, une morsure,
Qui te ferait souffrir la fièvre lente et sûre,
Dont nous ronge un désir toujours inassouvi!

Et je serais en toi, dans tes yeux, dans ton rêve,
Vivant, toujours vivant, sans relâche et sans trêve...
Et je ne craindrais plus ce que je crains: l'Oubli!

MAGALHÃES DE AZEREDO.

Recebemos os dous primeiros numeros do *Ceará Illustrado*, revista artistica, litteraria e scientifica, que vê a luz na capital d'aquelle Estado de quinze em quinze dias. E' uma publicação muito interessante. Traz os retratos de dous cearenses illustres, José de Alencar e Thomaz Pompeu.

Temos sobre a mesa o primeiro numero do *Equador*, revista pernambucana, dirigida com talento por Thaumaturgo Vaz, trazendo o retrato de Clovis Bevilaqua.

Recebemos ainda: a *Gazeta Postal*, do Pará; o *Diario*, de Therezina, Piahy; o *Rio Grande do Norte*; o *Archivo litterario*, de Palmares, Pernambuco; o *Diario de Noticias*, o *Paraguassú*, de S. Felix, Bahia; a *Semana*, da Capital Federal; a *Gazeta de Petropolis*, a *Actualidade*, de Valença, o *Seculo*, de Macahé, Rio de Janeiro; o *Diario de Campinas*, o *Lutador*, do Descalvado, o *Popular*, de S. Carlos, o *Cosmopolita*, de Batataes, S. Paulo; a *Revista Industrial*, de Ouro Preto, a *Folha*, de Barbacena, o *Pharol*, de Juiz de Fóra, a *Gazeta de Ubá*, a *Folha de Minas*, de Cataguazes, o *Character*, de Lavras, Minas Geraes.

Tambem recebemos os *Contos do meu tempo*, de Oscar Leal, a *Revolta brasileira*, um folheto em prosa e verso, de Olympio de A. Galvão, e dous numeros da *Reacção*, revista litteraria que se publica em Coimbra, Portugal, sob a direcção de Gustavo Santiago.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

A rapida mudança de opinião era como que um resto de misericordia, que o seu amor concedia a demais do seu respeito filial profundamente offendido.

— Estará proximo esse momento terrivel? — dizia comsigo, á medida que via proseguir a representação.

O coronel era ás vezes apprehensivo. Impressionou-o aquelle ar da enteada.

— Quereis pateal-o? — interrogou.

— Sim! N'este instante é possivel que se prepare uma manifestação contraria!

— Quem t'o disse?

— Guilherme communicou-me essa intenção.

— D'elle? — atalhou commovido o coronel, a quem lhe pezava a voz vibrante e forte.

— Não creio — respondeu Carmen, querendo livrar o seu pretendente de qualquer opinião desfavoravel.

— Provavelmente para estudar a impressão que em teu animo poderia causar essa falsa noticia.

— Não! affirmou-me que havia uma trama decidido a desprestigiar o trabalho de Lucio!

— E como, se o applaudem?...

Carmen não respondeu. Baixou a fronte com ares de resignada e arrependida.

— Que pateassem a acção... mas o escriptor!...

— fazendo na mente a selecção do homem e da obra. E consenti!... auctorisei!...

E de logo, como repostas promptas e decisivas, desceu o panno entre applausos.

— Um triumpho! exclamou o coronel.

— Um triumpho! repetio Dolores, orgulhosa e enxugando uma lagrima, que lhe nascêra de alegria entre as pupillas e que não tinha a força necessaria para descer furtivamente pelas faces.

Carmen abstrahio-se de tudo quanto se passava entre actores e espectadores.

O coração humano tem d'essas contradicções instantaneas.

Aquella expansão de jubilo, que vibrava, quando Dolores exclamou, como que em echo ás palavras do esposo — um triumpho — transformara-se em lamina ideal de um punhal.

— Será possivel? — disse comsigo; amal-o-ha?...

O pensamento volteou; até então em defeza de Lucio, fez-se de momento accusador.

Carmen teve impetos de segredar a Dolores todo o proposito que reflectia da comedia, que ella n'esse instante, victima, applaudia:

— E' ridiculo esse enthusiasmo! — quizera dizer. — Esse homem a quem os seus labios acabam de sorrir com a pronunciação de uma palavra sonora e entusiastica, esse homem por quem o seu olhar brilha com a luz de um orgulho maternal, esse Lucio dramatisou a offensa para, em publico, no ruido festivo do applauso, ao som estrondoso de uma orchestra, atiral-a ás faces de uma esposa fiel, beijadas pelo coronel Blanco, o mesmo de quem a sociedade se occupa, por vezes, com elogios e phrases de admiração.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

THEATROS

Chegou da Italia o insigne *maestro* Marino Mancinelli, empresario da estação lyrica de 1894 no Rio de Janeiro.

Já se achá aberta uma assignatura de 24 recitas, com *Lohengrin* e *Tannhauser*, de Wagner, a *Africana* e os *Huguenotes*, de Meyerbeer, *Falstaff*, *Otello*, *Aida*, as *Vesperas sicilianas*, *Hernani*, o *Baile de mascarar* e *Rigolletto*, de Verdi, o *Escravo*, de Carlos Gomes, *Mephistopheles*, de Boito, a *Gioconda*, de Ponchieli, *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, a *Favorita*, de Donizetti, *Manon Lescaut*, de Pucini, e os *Medices*, de Leoncavallo, opera inteiramente nova para esta capital.

O elenco da companhia é o seguinte:

Primeira dama soprano dramatico lyrico absoluta Adalgisa Gabbi, primeira dama soprano dramatico Augusta Cruz, primeira dama soprano lyrico An-nita Occhiolini, primeira dama soprano ligeiro Marcellina Rastelli, primeira dama meio soprano absoluto Virginia Guerrini, primeira dama meio soprano contralto Tilde Carotini Zonghi, primeiro tenor dramatico lyrico absoluto Emilio de Marchi, primeiros tenores dramaticos Giuseppe Russitano e Ferdinando Avedano, primeiro barytono dramatico absoluto Eduardo Camera, primeiro barytono Rodolpho Angelini Fornari, primeiro baixo absoluto Giulio Rossi, primeiro baixo Giuseppe Tisci Rubini, maestro substituto Amilcare Zanella, maestro de córos Cesare Bonafous, maestro ponto Vittorio Rolando, maestro da banda Domenico Delle Donne, coreographo Giuseppe Conti, director de scena Cesare Pastini, comprimarios Federica Casali, Gaetano Mazzanti, Dante Zucchi, Rocco Franzini,

Luigi Francalancia, primeiro violino solista Erminio Bovi, harpista Virginia Cerrutti.

60 professores de orchestra, 60 coristas, 24 musicos da banda, 8 trombeteiros e 24 bailarinas.

Como se vê, Mancinelli trouxe-nos uma companhia lyrica de primeira ordem. Ainda bem.

*

No Recreio Dramatico deram-nos uma engraçada *pochade* em 3 actos, o *Rei Korikókô*, de Alexandre Bisson, traducção de Figueiredo Coimbra.

E' uma d'essas extravagancias de theatro que não se contam nem se commentam; fazem rir, e, em boa consciencia, é tudo quanto se póde exigir de semelhante genero.

O desempenho dos papeis podia ser melhor. Tanto assim é, que as honras da representação couberam ao actor Bragança. *Chimene, qui l'eut cru?* O publico applaudiu. Ainda bem.

*

No Sant'Anna a companhia de opereta dirigida pelo velho Heller parece não querer sahir do terreno das *reprises*.

Depois da *Filha de Maria Angú*, dá-nos agora o *Amor molhado*, e annuncia *Abel*, *Helena* e *Boccacio*.

O grande caso é que não lhe tem faltado publico. Ainda bem.

*

Furtado Coelho está de novo no Rio de Janeiro, á testa de uma companhia que dá espectaculos no Polytheama.

A peça de estreia foi a *Tomada da Bastilha*, de D'Eunery, que se intitidou em tempo *Fidalgos e operarios* e agora se intitula a *Revolução*.

Os espectadores não se zaugaram com a embaçadela e applaudiram os artistas Furtado Coelho, Cardoso da Motta e Clementina dos Santos. Ainda bem.

*

O glorioso palco do theatro S. Pedro foi transformado em circo de cavallinhos, onde actualmente brilham Rosita de la Plata, e outros saltimbancos de merecimento.

O publico poderia ter protestado contra semelhante profanação, mas não protestou; applaudiu. Ainda bem.

*

Conservam-se por enquanto fechados o Apollo, o Lucinda e o Variedades. Ainda bem.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.